

ARTE E FOTOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE FOTOGRAFIA EXPANDIDA E O CARÁTER INOVADOR DA FOTOGRAFIA COMERCIAL CONTEMPORÂNEA

NORBACHS, Juliana¹
GHOMES ZANETTI, Rogério²

RESUMO

Este artigo tem por intuito abordar a relação entre fotografia e arte e, a partir dessas informações, busca-se confirmar através da revisão de literatura, se características adquiridas ao longo da história da fotografia contribuíram ou não para a formação da origem do questionamento a respeito da posição da fotografia enquanto arte; além de propor uma reflexão fundamental sobre expressões artísticas. Para tanto, será investigado o conceito de fotografia expandida que, mesmo que superficialmente, rompe com o conceito inicial da fotografia de registro do real e documental, e proporciona ao fotógrafo enfrentar o processo de trabalho com criatividade e sutileza, trazendo à fotografia comercial, um caráter inovador além de ampliar a órbita conceitual no que diz respeito à produção de imagem fotográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia expandida. Arte. Híbridação. Fotografia comercial.

ABSTRACT

This article is meant to address the relationship between photography and art and, from this information, we seek to confirm through the literature review, it features acquired throughout the history of photography contributed or not to the formation of questioning origin about photograph position as art; and to propose a fundamental reflection on artistic expression. Therefore, we will investigate the concept of photography expanded, even superficially, breaks with the initial concept of the actual registration photo and documentary, and provides the photographer to face the process of working with creativity and subtlety, bringing commercial photograph, innovativeness as well as expand the conceptual orbit with respect to the production of photographic image.

KEYWORDS: Expanded Photography. Art. Hybridization. Commercial photography.

1 INTRODUÇÃO

¹ Pós-graduando do curso de Especialização em Fotografia, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Sul Brasil – Fasul.

² Professor orientador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Sul Brasil – Fasul.

Definir o que é ou não arte, sempre foi e sempre será tema para grandes debates. Apesar de a pintura e escultura sempre estarem posicionadas no consciente coletivo em um lugar garantido, o conceito do que define ou não se uma expressão artística pertence a esta categoria é muito amplo e passível de divergências que continuamente são questionadas; e a fotografia ser ou não classificada como arte, é uma delas.

Este artigo pretende abordar a relação entre fotografia e arte e, a partir de uma contextualização histórica, compreender se as características adquiridas contribuíram ou não para a formação da origem do questionamento entre ambas, além de propor uma reflexão fundamental sobre expressões artísticas. Também serão analisadas as consequências que a tecnologia digital trouxe para a atividade, tais como a possível banalização da profissão de fotógrafo e a dificuldade do profissional em estabelecer-se enquanto artista, ao mesmo tempo em que cumpre demandas comerciais; visto que a fotografia é hoje um produto cultural e comercial completo e em constante transformação.

O objetivo principal desta investigação será avaliar as possibilidades de criação na fotografia contemporânea a partir dos processos criativos dos artistas, através de revisão de literatura. Espera-se também, a partir deste estudo, compreender melhor o mercado de trabalho no segmento, especificamente na área de fotografia expandida, e contribuir de maneira geral para o desenvolvimento de novas formas de produzir fotografia, através do estudo de questões técnicas, mercadológicas e filosóficas proporcionado por essa técnica.

2 FOTOGRAFIA COMO ARTE E ARTE COMO FOTOGRAFIA

No contexto Europeu da descoberta fotográfica (1800-1839), temos as primeiras tentativas de Thomas Wedgwood na fixação de imagens sobre materiais fotossensíveis e as experiências de Niepce chegando à descoberta do daguerreótipo. Antes do comunicado oficial desta descoberta, muitos experimentos eram feitos por pesquisadores independentes em muitas partes do mundo, o que não poderia deixar de gerar muitas polêmicas. Após este período, inicia-se uma

nova fase do processo fotográfico e as fotografias adotam uma posição industrial devido à vulgarização massiva das imagens (MONTEIRO, 2001).

Essa é uma fase “nebulosa” da história da fotografia, em que aparecem muitas polêmicas e controvérsias, que, algumas vezes, se concentram na concepção da ideia propriamente dita do processo, outras, no reconhecimento de um determinado inventor em detrimento dos outros, ou, ainda, na realização da primeira imagem realmente fotográfica, e até mesmo na prioridade quanto ao uso do termo “fotografia”. (MONTEIRO, 2001, p.33).

A evolução da fotografia, na metade do século XIX, não passa despercebida entre os amantes da arte. Em 1846, um comerciante chamado Louis Désiré Blanquart Evrard (1802-1872), desempenhou um papel importante no desenvolvimento do processo fotográfico sobre papel, introduzindo a técnica que utilizava chapas de colódio úmido, aperfeiçoando assim o instantâneo, o que proporcionava aos artistas e fotógrafos que se aventuravam neste universo uma liberdade de execução e impressão em grande escala dos trabalhos (CHRIST, 1981).

Gustave Le Gray, foi um dos fotógrafos de destaque na fotografia francesa no século XIX. Le Gray dedicou-se ao estudo da fotografia chegando a escrever manuais com instruções fotográficas. Também enquanto pintor, proporcionou muitas contribuições artísticas como fotógrafo e professor. Viajante, participou de missões patrocinadas pelo governo a fim de registrar reparos de importantes monumentos históricos do país. Sua maior inovação nasceu da resolução de um problema de adequação de diferentes tempos de exposição para o céu e para o mar. A técnica desenvolvida por Le Gray pode ser considerada como o início da técnica de HDR, muito utilizada nos dias de hoje por meio de filtros disponíveis em aplicativos.

Após o aperfeiçoamento dos aparelhos fotográficos e das técnicas de fixação da imagem, a busca por registros de elementos simples do cotidiano dominou as produções fotográficas iniciais. Com a divulgação da daguerreotipia em 1839, leigos de todas as partes do mundo se voltavam para o estudo da luz, sombras e composições através de registros de paisagens e monumentos históricos. Cativando cada vez mais a atenção do público, a fotografia trazia uma oportunidade inovadora: a possibilidade de observar o mundo de forma realista sem muito esforço.

Fotógrafos percorreram o mundo em explorações fotográficas que resultavam em daguerreótipos únicos em suas composições e revelações. John Mayall foi o primeiro representante da fotografia fora da sua expressão exata da realidade. Em 1845, expôs a obra *Pai Nosso*, composta por dez daguerreótipos, tendo senhoras da alta sociedade como modelos. A obra de Mayall foi concebida a partir do referencial alegórico, com a intenção de atribuir à sua fotografia técnica a mesma função social que a pintura exercia. Suas obras não conseguiram a aprovação da crítica que frequentemente associava seu trabalho a uma tentativa de produção fotográfica nascida de um erro. Enterrado pela crítica, John Mayall foi seguido por outros fotógrafos sedentos por serem vistos como grandes artistas. A fotografia alegórica, a qual era praticada por Mayall entre outros, alavancou a produção de temas mais elaborados artisticamente e abriu o caminho para o reconhecimento de trabalhos expressivos que fogem da reprodução realista, fomentando questões estéticas e de composição que até então eram exclusivamente relevantes em pinturas (FABRIS, 2011).

Figura 1 - Adolph Braun – Estudo de Flores 1857



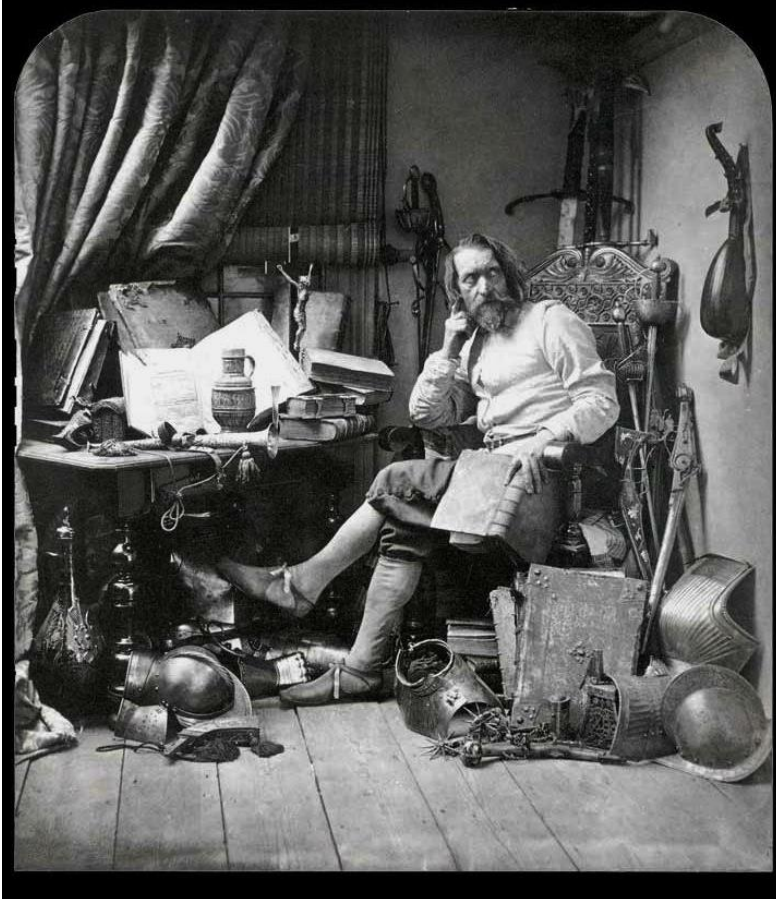
Fonte: Luminous Lint (2016)

Figura 2 - "The Two Ways of Life" – Oscar Gustav Rejlander, 1857



Fonte: Luminous Lint (2016)

Figura 3 - William Lake Price - Dom Quixote em seu gabinete - 1854



Fonte: Luminous Lint (2016)

Desde o surgimento da fotografia, a prática artística tradicional precisou estabelecer sintonia com os novos conceitos de arte que nasciam gradativamente a partir de estudos, experiências e novos entendimentos vindos dos aparelhos fotográficos. As novas apreciações reveladas pelo uso subvertido das funções destes aparelhos fomentaram movimentos artísticos que, buscavam extrair da fotografia, elementos que pudessem elevar suas obras a um patamar consideravelmente de igualdade com as artes tradicionais.

Como durante muito tempo a pintura era o único meio de retratar pessoas e registrar cenas, o surgimento da fotografia trouxe certa resistência por parte dos artistas, pois eles precisaram encontrar novos meios para se destacar e evoluir frente a esta nova forma de retratar. Desde então, iniciou-se a discussão sobre fotografia ser ou não arte, e hoje, após o esforço de alguns artistas-fotógrafos e de movimentos que pretendiam elevar a fotografia à categoria das artes - como o pictorialismo - ela é considerada uma das mais importantes formas de expressão artística. A prova disto é que hoje se encontram exposições de fotografias em museus e galerias de arte (CORREA,2013).

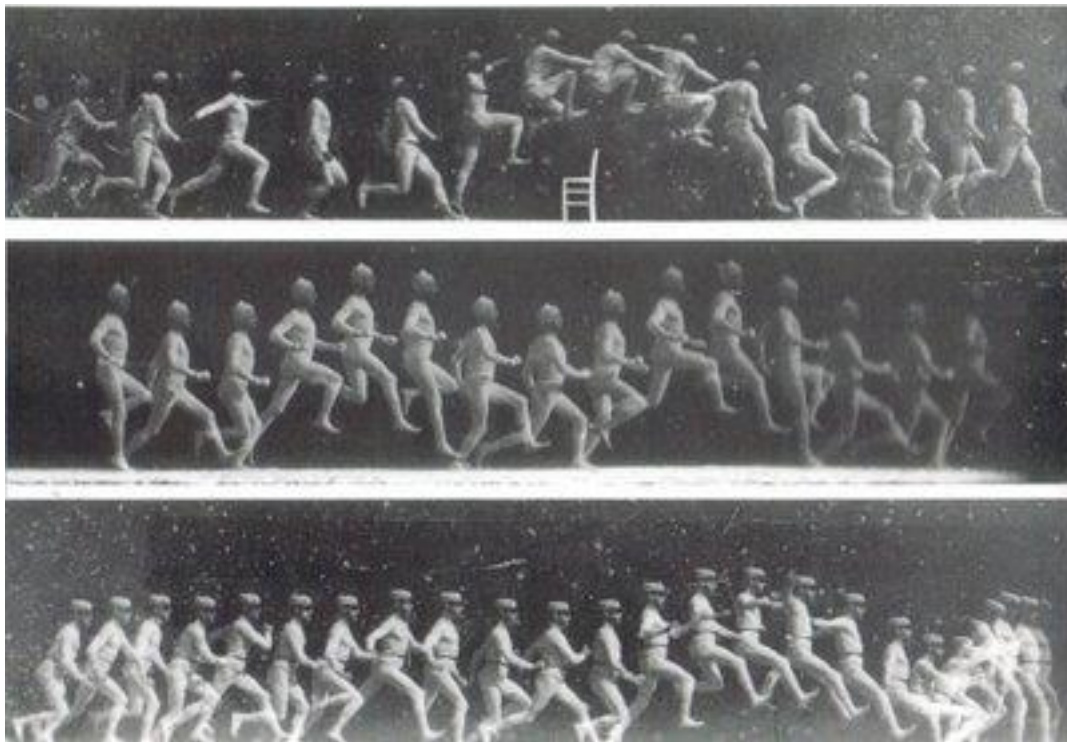
Se o convite a discutir – com base em novos parâmetros – as noções de autoria e de originalidade não é aceito de imediato pelos artistas, o confronto com a imagem técnica leva-os, contudo, a buscar novos modos de visualização que lhes permitiam demarcar um território próprio num panorama mais e mais dominado pela “fidelidade” fotográfica. (FABRIS, 2011, p.17).

Entre os anos 60 e 70, com a fotografia como veículo de disseminação das apresentações artísticas, a arte conceitual minimizou a importância da autoria e técnica, revitalizando a capacidade de simplesmente retratar a vida com certo visual despreocupado, transmitindo ideias e atos artísticos efêmeros. “A arte foi revelada como um processo de delegação aos objetos cotidianos mais comuns, e a fotografia se tornou o instrumento pelo qual o artista podia esquivar-se à necessidade de criar uma “boa” imagem” (COTTON, 2013, p.22).

Conforme FABRIS (2011) relata, a fotografia instantânea, cujo nascimento data de 1958, possibilitou que as novas experiências fotográficas fossem valorizadas. Primeiramente testada por Oliver Wendell Holmes, professor de anatomia da Universidade de Harvard, o qual estudava a produção de membros artificiais para as vítimas da Guerra; esse interesse suscitou a necessidade em

fotografar instantaneamente e incitou outros fotógrafos a realizarem diversas experiências radicais nesse sentido, como registrar algumas fases da locomoção de cavalarias totalmente imperceptíveis na visão normal.

Figura 4 - Homem Caminhando – Étienne- Jules Marey 1887



Fonte: Cronofotografia (2016)

Outros fotógrafos se aventuraram em novas formas de fotografar: Marey, conseguiu revelar à visão os movimentos mais complexos do mundo animal através da fotografia parcial, cuja descrição era de, justamente, desviar a fotografia do caminho do realismo por captar o imprevisível, o que acabava por situar as imagens de Marey entre a ciência e a arte.

Por outro lado, ela permitia demonstrar que a objetividade e a transparência, qualidades consideradas intrínsecas à imagem fotográfica, não são dadas mas produzidas numa incessante superação crítica dos usos e das convenções atribuídos à ela (FABRIS, 2011, p. 84)

O fato é que as experiências de Marey trouxeram à história da fotografia um fato singular: o valor artístico e criativo dos novos signos foi compreendido imediatamente pelos artistas de vanguarda, mas não pelos fotógrafos, que estavam

nesse momento começando a ficar muito mais preocupados com as dimensões industriais que a imagem técnica ia adquirindo (FABRIS 2011).

Muitas técnicas foram acrescentadas e mudadas desde então. Aperfeiçoamentos tecnológicos, processos eficientes e baratos, câmeras programáveis e a chegada da fotografia digital: todos esses esforços foram extremamente importantes para a fotografia chegar à evolução em que se encontra hoje.

A partir do século XIX, a fotografia começou a adquirir um caráter mais documental, onde suas principais funções eram: arquivar, ilustrar, informar. É neste momento que fica evidente que a foto começa a ser reconhecida não mais por sua expressão gráfica e artística, e sim, pela sua utilidade, o que reforça essa constante atualização das tecnologias e traz à tona a seguinte questão: Qual a linha tênue que separa a fotografia comercial da artística? Existe a possibilidade de um fotógrafo conseguir se expressar artisticamente quando está apenas cumprindo demandas de trabalho? Com o passar dos anos, a evolução das tecnologias que a cada dia tonam-se mais acessíveis e oferecem ao público ferramentas antes utilizadas apenas pelos profissionais, contribuem de certa forma para a banalização da profissão e incita a busca dos profissionais por novas alternativas de criação. E essa crise é, em parte, responsável pelo interesse despertado pela fotografia – seja pelos museus e galerias, seja pelos colecionadores, pelos artistas visuais que estão aprendendo (de novo) a incorporá-la em seu trabalho, seja pelos próprios fotógrafos que estão trilhando outros caminhos para concretizar sua produção e circulação de imagens fotográficas (FERNANDES, 2006). Isso sem citar as inúmeras plataformas on-line disponíveis a qualquer usuário da internet para a publicação de imagens que nunca serão impressas e se perderão no montante de conteúdo digital disponível na imensidão da web.

Pode-se dizer que a produção exacerbada de fotografias fez com que a mesma acabasse por ser banalizada. Pode parecer extremo, no entanto, para muitos, as fotografias são vistas como veículos visuais que podem ser produzidos por qualquer um que saiba disparar o botão da máquina fotográfica. (KAWAKAMI, 2012, p. 172).

Não somente a quantidade de imagens ou a qualidade técnica destas, mas também os temas retratados e os motivos que levam o indivíduo a fotografar, acabam por serem responsáveis por estes resultados: no início do século XX, os

temas mais comuns de serem fotografados eram retratos de família e momentos importantes, como explica Corrêa, através de Sontag: “Nas primeiras décadas da fotografia, esperava-se que as fotos fossem imagens idealizadas. Ainda é esse o objetivo da maioria dos fotógrafos amadores, para quem uma bela foto é uma foto de algo belo, como uma mulher, um pôr-do-sol” (CORRÊA, 2013, p. 28).

Um fato importante a ser considerado é que, ao analisar o processo criativo de um fotógrafo profissional e não apenas de um amador, percebe-se que a fotografia nasce no pensamento e visão do fotógrafo, passa pelo olhar do mesmo e depois pela câmera para, somente ao final, quando tudo está em harmonia, o botão ser apertado.

A fotografia-documento não coloca frente a frente o real e a imagem, em relação binária de aderência direta entre o real e a imagem sempre se interpõe uma série infinita de outras imagens, invisíveis, porém operantes, que se constituem em ordem visual, em prescrições incônicas, em esquemas estéticos.

O fotógrafo não está mais próximo do real do que o pintar diante de sua tela. Tanto um, quanto o outro estão separados por mediações semelhantes.” (ROILLÉ, 2009. p.158-159).

Deste modo, a fotografia é transformada em um “real-fotográfico”: ela é mais do que apenas a captura da realidade, pois ao passar por todo esse processo, ela acaba por ter a assinatura de seu autor, e isso modifica o resultado final. O que era antes apenas uma imagem, passa a ter agora um porquê: através de um meio de expressão.

Santos (2010) complementa ainda que desde os anos 50, havia ainda uma parte da produção fotográfica que conseguia se distanciar da fotografia documental senso-comum, utilizando possíveis formas de expressão em suas fotos, tais como imagens borradas ou fora de foco, granulação, entre outros aspectos que reforçam a ideia de que é possível expressar-se artisticamente enquanto se produz material de cunho documental ou comercial.

Ao contrário da fotografia comercial e documental, onde o profissional deve seguir de forma estética solicitações de demanda, a fotografia artística é mais livre. Esta diferença é fundamental. Segundo Roiullé (2009), o fotógrafo comercial deve sempre estar atento às demandas de mercado, enquanto o fotógrafo artista foca sua atenção apenas em sua obra. Desta forma, a fotografia funciona como uma

espécie de substituta da pintura tradicional, a fim de resistir à desmaterialização da arte ao mesmo tempo em que acompanha a evolução do mercado, pois a imagem - primeiramente representada pela pintura e desenho e posteriormente pela fotografia - foi um meio encontrado para chamar a atenção dos possíveis consumidores, e é neste ponto em que as duas formas de fotografar se encontram.

4 FOTOGRAFIA EXPANDIDA: COMPROMETIMENTO COM O FAZER FOTOGRAFICO.

O conceito de fotografia expandida, (ou fotografia experimental, manipulada, criativa, entre outras denominações) está centrado na experiência do fazer e nos procedimentos utilizados pelo artista. Mais do que apenas idealizar a foto, o fotógrafo que a produz necessita conhecer todo o procedimento que dá luz a fotografia e, justamente por esta razão, não deve se prender aos padrões da fotografia tradicional.

Com o passar dos anos, a fotografia expandiu seus limites, passando de ser apenas um registro fiel da realidade para tornar-se a percepção de momentos através do olhar do artista.

De acordo com Fernandes Jr. (2002), foi Andréas Müller-Pohle, crítico, fotógrafo e editor da revista *European Photography*, quem primeiro definiu o conceito de fotografia expandida, aquela que rompe com a tradição visual fotográfica inaugural e amplia a órbita conceitual no que diz respeito à produção da imagem fotográfica.

Para Müller-Pohle (1985), fazer fotografia significa uma série de interferências, como por exemplo: interferência no objeto fotografado, no aparelho que fotografa ou na própria fotografia, tanto no negativo quanto no positivo. Além disso, deve-se levar em consideração a possibilidade de intervenção no plano da distribuição e no do consumo social de imagens (ALESSANDRI, 2011).

Resumindo, dentro do conceito de fotografia expandida devem ser considerados todos os possíveis tipos de manipulação da imagem e de interferência nos procedimentos fotográficos, o que possibilita à fotografia um caráter inovador e atual.

Figura 5 – Projeção fotográfica sobre cortina de fumaça intermitente para a Bienal de São Paulo



Fonte: Rennó (2016)

O pesquisador Fernandes Jr. (2006) também relata que: “A fotografia expandida é uma possibilidade de expressão que foge da homogeneidade visual repetida à exaustão. Uma espécie de resistência e libertação. De resistência, por utilizar os mais diferentes procedimentos que possam garantir um fazer e uma experiência artística diferente dos automatismos generalizados; de libertação, porque seus diferentes procedimentos, quando articulados criativamente, apontam

para um inesgotável repertório de combinações que a torna ainda mais ameaçadora diante do vulnerável mundo das imagens técnicas.”

Figura 6 – Vôo



Fonte: Garfo e Mala (2016)

Ou seja: a fotografia expandida é uma versão mais arrojada e livre das amarras da fotografia tradicional, o que a aproxima tanto da foto enquanto arte, quanto da foto enquanto produto, pois o projeto estético desta vertente é justamente a busca da diversidade sem limites e da multiplicidade de procedimentos; assim como os fotógrafos que, ao decorrer da história, esgotaram e continuam esgotando as possibilidades dos aparelhos e técnicas, justamente em busca desta constante evolução da indústria (GOUVEA, 2003).

A ênfase da fotografia expandida também se encontra nos processos e procedimentos de trabalho cuja finalidade é a produção de imagens. Por algum tempo, justamente por esta razão também se utilizava o termo “fotografia construída” para denominá-la: uma arte comprometida com o fazer fotográfico (FERNANDES, 2006).

Não nos interessa mais apenas o cumprimento das etapas do processo codificado para o registro fotográfico. Agora, torna-se importante

considerar os contextos de produção e as intervenções antes, durante e após a realização de uma imagem de base fotográfica. (FERNANDES, 2006, p. 17).

Portanto, o conceito de fotografia expandida, de maneira breve, rompe com o conceito inicial da fotografia de registro do real e extrapola suas fronteiras. Suas consequências nos permitem discutir a questão das diferenças encontradas entre a fotografia comercial e artística.

6 FOTOGRAFIA, ARTE E POSSIBILIDADES

Com base na fundamentação teórica, é possível confirmar que a fotografia percorreu um grande caminho para conseguir posicionar-se enquanto arte. Porém, os profissionais da área continuam remodelando-se e da mesma forma, novos mercados estão se abrindo e apontando à uma diversidade de relações comerciais com a fotografia/imagem. As possibilidades de criação são quase infinitas. A fotografia contemporânea é capaz de assumir os mais diferentes processos de experimentação, e pode-se afirmar que nenhuma linguagem foi mais reinventada do que a fotografia durante todo este período.

A nova produção imagética não deixa de ter relações com o mundo visível imediato, pois não pertence mais à ordem das aparências, mas aponta para as diferentes possibilidades de suscitar o estranhamento em nossos sentidos. (FERNANDES JUNIOR, 2006, p. 19)

Este novo fazer fotográfico trata de compreender a fotografia a partir de uma reflexão mais geral, pois hoje a fotografia não está mais preocupada apenas em registrar um momento, justamente pela fácil acessibilidade citada alguns parágrafos acima. Hoje, para posicionar-se enquanto fotógrafo, os profissionais estão procurando procedimentos específicos para diferenciar-se, dotar sua imagem mais do que apenas cumprir demandas comerciais, pois a fotografia contemporânea passou a não se preocupar somente com essa incessante busca pelo acontecimento singular.

A fotografia contemporânea busca possibilidades. As imagens contemporâneas buscam inquietação. Ruídos, banalidades do cotidiano, processos

de desconstrução dentro de produtos que antes eram retratados sempre da mesma maneira.

Como relata Fernandes Junior (2006), a produção contemporânea busca hoje problematizar suas questões nos limites, nas questões da identidade, etnias, gênero, entre outros. É uma busca constante por uma fuga dos sistemas impostos pelo mercado.

A fotografia expandida é uma das possibilidades de expressão que justamente busca fugir da repetição. É uma espécie de resistência e libertação ao mesmo tempo. De resistência, porque procura por procedimentos que a diferenciem do fazer artístico generalizado e massivo; de libertação, porque ao mesmo tempo procura por inovar o que se vem repetindo há décadas. A produção contemporânea de fotografia busca o novo dentro de velhos padrões. E essa incessante busca por romper paradigmas que novamente aproxima a fotografia da arte e a arte da fotografia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer fotográfico continua a reinventar-se e a fotografia contemporânea se renova a cada dia de forma surpreendente, encontrando novos caminhos e ressuscitando processos históricos em busca dessa evolução, como é o caso da fotografia expandida estudada neste artigo.

Através da revisão de literatura foi possível perceber que traços do período das vanguardas históricas ainda estão presentes atualmente, apesar de que é preciso entender que, primeiramente, a fotografia já não se comporta da mesma maneira com que se comportava há poucos anos atrás, e que hoje, ela possui um protagonismo no cotidiano, e está presente em áreas que anteriormente eram ocupadas apenas por artistas e fotógrafos, fato que vai de encontro com o problema proposto: É possível, frente a todas essas mudanças e evoluções o artista ou fotógrafo cumprir demandas profissionais e expressar-se artisticamente?

É justamente este o ponto: colocar a fotografia dentro de uma zona classificatória é um tanto difícil, quando ela justamente está presente em todos

os lugares e é praticada por todos ao mesmo tempo em que exige dos profissionais da área constante estudo e dedicação.

A fotografia contemporânea apresenta-se como um fenômeno fundamentalmente diversificado quanto à forma de produção, utilizando-se de diversas tecnologias a fim de representar contribuições culturais. Criando obras cada vez mais destinadas a galerias e páginas de livros de arte.

A utilização subvertida de funções em aparelhos tecnológicos, como a câmera fotográfica, desde a sua criação foi explorada como método de estudo por grandes pintores (Edgar Degas), a fim de obter entendimento sobre o comportamento da luz em suas telas e esculturas. Da mesma forma atualmente fotógrafos utilizam técnicas de pinturas em suas fotografias, o que trouxe uma reavaliação da linguagem da arte modernista.

A fotografia expandida apresenta-se como uma possibilidade de expressão que busca fugir da repetição, é uma alternativa ao fotógrafo que precisa cumprir com suas demandas comerciais/profissionais, como registros de eventos sociais, que em sua maioria são centrados na repetição de cerimoniais.

É uma espécie de resistência e libertação ao mesmo tempo, pois a busca por maneiras diferenciadas do fazer fotográfico, como procedimentos que utilizam diversos tipos de materiais, exposições que mesclam elementos artísticos com a fotografia transformam o fazer artístico, logo transformam a linguagem fotográfica, afastando o resultado do fazer artístico massivo.

A inovação que a fotografia expandida oferece quebra paradigmas e novamente aproxima a fotografia da arte e a arte da fotografia. Esta aproximação está centrada na utilização de diferentes linguagens, ampliando assim as possibilidades de criação do artista.

Quando o artista passa a questionar paradigmas e técnicas programáveis e inicia o processo de interferência em suas obras está aplicando a fotografia expandida. Quando se transita fácil pelas técnicas, uma vez dominadas, torna-se possível subverte-las em diversas áreas, ampliando os resultados.

O fazer fotográfico generalizado encontra na fotografia expandida renovação, o fotógrafo encontra libertação.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRI, P. C. A. **A fotografia expandida no contexto da arte contemporânea**: uma análise da obra Experiência de Cinema de Rosângela Rennó. Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br>> Acesso em: 04 mai 2016.

CORRÊA, J. R. **A Evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital**. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2012/JulianaCorr%C3%AAa.pdf>> Acesso em: 05 jul 2016.

COTTON, C. **A fotografia como arte contemporânea**. Disponível em: <<http://www.buscape.com.br/a-fotografia-como-arte-contemporanea-col-artesfotografia-2-ed-2013-charlotte-cotton-8578277279>> Acesso em 14 mai 2016.

FABRIS, A. **O desafio do olhar**: fotografia e artes visuais no período das vanguardas históricas. Vol 1. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERNANDES, Jr., R. **Processos e criação na fotografia**. Disponível em: <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens.pdf> Acesso em 16 mai 2016.

FERNANDES Jr., R. **A fotografia expandida**. Tese de doutorado – Programa de Comunicação e Semiótica; PUCSP, 2002.

GARFO E MALA. **Fotógrafo fala sobre o seu trabalho e a mostra Quase Paisagem – Taim, que está em cartaz na Fluxo**. Disponível em: <<http://www.garfoemala.com.br/fotografo-fala-sobre-o-seu-trabalho-e-a-mostra-quase-paisagem-taim-que-esta-em-cartaz-na-fluxo/>> Acesso em: 04 mai 2016

GOUVEA I. **Fotografia expandida**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9862/14/Gouveapt14.pdf>> Acesso em: 04 mai 2016.

LUMINOUS-LINT. **Photography**: History, Evolution and Analysis. Disponível em: <<http://www.luminous-lint.com/>>. Acesso em: 14 mai 1016.

MONTEIRO, R. H. **Descobertas múltiplas. A fotografia no Brasil (1824-1833)**. Campinas: Mercado de Letras/Fapesp, 2001.

MÜLLER-POHLE, A. **Next photography**. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2014/Junho/expandida_alem_fotografia.pdf Acesso em: 14 mai 2016.

ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SANTOS, A. C. L. **A fotografia entre documento e expressão**: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer. In: XIX Encontro da Compós, PUC-RJ, apresentado no Grupo de Trabalho “Fotografia, Cinema e Vídeo”, Rio de Janeiro, RJ. 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt10_ana_carolina_lima_dos_santos.pdf. Acesso em: 16 mai 2016.